

O maior acontecimento artístico do ano

Benedito BARBOSA PUPO

Os dois espetáculos programados para as noites de sábado e domingo, nos quais foi cantada a ópera em português "A Noite do Castelo", primeira obra no gênero operístico composta por Carlos Gomes, foi indubitavelmente, o maior acontecimento artístico ocorrido em Campinas neste ano. Podemos mesmo dizer, sem receio de errar, destes últimos tempos. A decisão do maestro Benito Juarez de por em cena, exumando-a, a primeira obra de fôlego do Maestro campineiro, encarada por muitos com ceticismo converteu-se num acontecimento artístico e histórico, que ultrapassou a expectativa de todo mundo, de mim inclusive, que me surpreendi, como os demais, com a exuberância da música de Carlos Gomes. Como aconteceu no Rio de Janeiro em setembro de 1861, quando o Maestro, então com apenas 25 anos, a apresentou para o requintado público da Corte, a representação de Campinas, agora no encerramento da Semana de Carlos Gomes, constituiu-se numa flechada — "coup de foudre", como escreveu Luis Heitor, — ou num impacto como se diz hoje, para designarem-se os eventos, que assobram e empolgam as masas. Os espetáculos com "A Noite do Castelo", que merecem mesmo, o adjetivo de "maravilhosos", pois não há exagero nessa qualificação, serviram para criar em torno da figura do compositor campineiro uma grande atmosfera de curiosidade, de interesse, por parte principalmente de musicólogos, musicistas e críticos, que reconhecem a necessidade de pesquisas acuradas em busca de outras obras do Maestro, existentes em arquivos ou em mãos de particulares.

O êxito, vale dizer o triunfo apoteótico de "A Noite do Castelo" em Campinas, deve-se a uma valorosa equipe, que sob a direção de Benito Juarez trabalhou de maneira incansável neste último mês, principalmente. Cantores, — solistas e cântico — músicos da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, cenarista e figurinista, costureiros, copistas, funcionários do Teatro do Centro de Convivência Cultural, todos

de Convivência Cultural, todos indistintamente se desdobraram num ingente esforço para que o objetivo de reviver a primeira ópera de Carlos Gomes se efetivasse. Mas não foi só essa gente que concorreu para que aquele quase milhar de pessoas conhecesse o talento de Carlos Gomes ao eclodir em 1861, no Rio de Janeiro, polarizando a atenção da crítica e do público. Aqui não pode ser esquecida a colaboração que nos deram a Escola Nacional de Música, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional e outras entidades e pessoas na pesquisa para obtenção de partitura e livreto de "A Noite do Castelo". Ao Museu "Carlos Gomes", do Centro de Ciências, Letras e Artes, pelo seu diretor Bráulio Mendes Nogueira, que cedeu as partituras de "A Noite do Castelo" ali guardadas, sem o que não se poderia iniciar a batalha, por falta de pólvora. Mesmo em Paris, um pesquisador dava a sua contribuição valiosa. Trata-se do musicólogo brasileiro Luis Heitor, que forneceu valiosas informações sobre o livreto de A. J. Fernandes dos Reis, editado no Rio de Janeiro, em 1861, pela Tipografia de B. X. Pinto de Souza.

Feitas estas considerações, que julgo sumamente importantes para mostrar que "A Noite do Castelo", em suas representações em Campinas, não foram simplesmente um milagre, mas o resultado de um trabalho de abnegados, que deram tudo de si para, num grande esforço conjugado, chegar-se ao brilhantismo, a que se chegou com os primorosos espetáculos de sábado e domingo último. Que dizer quanto a esses espetáculos em si mesmos? Vistos em conjunto, pode-se dizer que se caracterizaram por grande classe, pois a não ser certas deficiências cênicas, o mais tudo esteve em ordem. Cabe aqui um reparo sobre a diretora de cena. Demonstrou Tereza Aguiar ser capaz de realizar algo em seu campo, desde que abandone a sua idéia de querer corrigir peças clássicas. Em "A Noite do Castelo", o resultado de seu trabalho foi razoável, isto sem dúvida devido ao fato de

seu liberdade para dar expansão à criatividade, que a conduziu ao exagero, ter sido limitada pelas exigências da ópera. A luz (parabéns ao iluminador) foi fator ponderável na criação de momentos de inescedível beleza plástica. A luz transformou vestes de anagem com aplicações de plástico em deslumbrantes e riquíssimos trajes palacianos. Cenários sóbrios de anagem com aplicações, bem concebidos e realizados com praticáveis, por Tomaz Perina inseriram-se muito bem no contexto do espetáculo. Embora de grande efeito, cenários e trajes se mantiveram-se em seu papel, sem provocar defasagem entre eles, o canto e a música. Perina teve um excelente colaborador em Jucam e suas auxiliares, que executaram o guarda-roupa, e em Bethoven, que montou os cenários.

O leitor naturalmente estará perguntando: "E a ópera? E a música e as vozes?". Bem! Foram os elementos básicos dos espetáculos. Orquestra e coros, afinados e precisos. Cantores, com menção especial à Niza de Castro Tank, que como sempre demonstrou a sua alta classe de cantora internacional, merecem nossos aplausos. Limite-me, entretanto, neste artigo a inscrever apenas o nome deles, reservando para outra oportunidade a manifestação de minha opinião sobre cada um deles em particular. Eis o nome dos heróis: Conde Orlando, pai de Leonor (Balður Liesenberg, barítono), Leonor (Niza Castro Tank, soprano), Henrique, desposado de Leonor, o qual se supõe morto na Terra Santa (Luiz Tenaglia, tenor), Fernando, noivo de Leonor (Alcídes Costa, tenor), Inês, aia de Leonor (Vera Lúcia Pessagno, meio-soprano), Raimundo, servo do conde (José Antonio Marson, barítono), um pagem (Eduardo Janho Abumrad, baixo), Roberto, escudeiro de Henrique (personagem muda). Isso sem esquecer do Coral UNICAMP, CORALUSP, Madrigal DE-CASOM e atores do Teatro Rotunda. Deve ser lembrado o nome da profa. Herminia Russo, que atuou como ponto.

Correio Popular - 20-IX-1977